
Editorial

TEMOS hoje um número dos *CADERNOS* muito diversificado: da problemática geral das bibliotecas portuguesas, ao valor informativo dos catálogos de exposições, da vida de uma grande biblioteca à mudança organizacional que quase todas têm de enfrentar, do papel da biblioteca universitária à actualíssima questão dos protocolos de comunicações, do sempre presente UNIMARC às condições ambiente que se impõem, dos recursos para fazer face à explosão documental até à modernização operada nas bibliotecas de França, dum impressor português das origens a um notável bibliotecário contemporâneo, do problema do mercado do livro e do Direito Comunitário ao significado da gravura no livro científico, os *CADERNOS* proporcionam leitura para vários perfis de utilizadores. O leque de interesses que se serve é indiscutível, mas tão interessante quanto a variedade é a actualidade dos assuntos abordados: é tempo de discutir as nossas bibliotecas, como é tempo de idealizar a biblioteca universitária, como é muito útil ouvir das experiências bem sucedidas noutras paragens. É necessário compreender que fundos temos em mãos, o valor dos seus conteúdos e como aproveitá-los. É inadiável percebermos que as nossas preocupações são idênticas às europeias e que a tecnologia vale pelas perspectivas que lança. Dirão alguns que qualquer destes temas poderia originar um número monográfico, afirmação que não negaremos. Aliás esta constatação levou-nos a pensar na viabilidade de encetar uma periodicidade diferente: três números dos *CADERNOS* em lugar da publicação semestral talvez possa responder às nossas necessidades e às nossas faltas de informação. Os *CADERNOS* poderiam albergar, assim, mais autores e mais colaborações, passando a dedicar um dos números a um tema candente, do ponto de vista estritamente português, ou poderiam, porventura, atender a uma problemática mais «internacionalista» como, por exemplo, os programas fundamentais da IFLA. Como facil-

mente se compreenderá, estas não são meras decisões de carácter administrativo e financeiro. Exigem uma cuidada ponderação das nossas capacidades, enquanto classe profissional, para que se evite estragar aquilo que tanto esforço exigiu a construir.

Ao nosso apelo, recebemos muitas respostas com sugestões. Cada carta, sua ideia. Não poderemos seguir todas por falta de espaço, tempo e também por dificuldades de execução. Algumas serão aceites, mas o agradecimento vai para todos os que quiseram ter o trabalho de nos dirigir umas linhas com palavras de incentivo. Escusado será repetir que os *CADERNOS* continuam abertos à colaboração e agora colaboração maior não há do que a procura de novos assinantes. Convém não esquecer que ser associado da BAD não significa a recepção automática da sua revista. A condição de assinante dos *CADERNOS* é um acto distinto e independente, mas bom seria se cada associado fosse assinante dos *CADERNOS*.

Estamos certos que os leitores dos *CADERNOS* não deixarão de os emalar na bagagem de férias e, com o tempo que estas proporcionam, vão seguramente dar por algumas diferenças. Nomeadamente nas referências bibliográficas. Foi absolutamente intencional a adopção da NP 405. Antiquada, dirão. Não podemos concordar mais. Mas que havíamos de fazer? A opção por uma solução própria pareceu-nos perigosa, de grande presunção e passível de (mais) críticas. Sabemos que existe um projecto para revisão da situação actual, mas não sendo mais do que isso, não identificámos nenhum bom motivo para o adoptar. Se o tivéssemos feito, daí para a frente qualquer outra solução passava a ser possível e lá se iam os nossos critérios e o padrão existente (ainda que obsoleto). Assim, até que o projecto vire norma, seguiremos a NP 405.

Neste número introduzimos as primeiras recensões bibliográficas de novidades chegadas ao conhecimento dos *CADERNOS*. Esta poderá e deverá ser uma secção bem mais extensa e constante mas se novidades sempre as há, o mesmo não se passa com os autores. Por exemplo, ficaram dois livros na prateleira por ausência de colaboração e não nos parece que os mesmos tenham viabilidade para o próximo número, a não ser que as recensões ignorem a orientação temática (o que pode muito bem acontecer). É difícil angariar vontades atempadamente mas se esta foi a nossa escolha qualquer outra alternativa ficará aquém da meta e representará um ponto negativo. Coisa que recusamos, evidentemente.

Os Arquivos estão ausentes deste número. Tivemos duas ofertas de colaboração, mas acordámos adiá-las para Dezembro, quando os Arquivos terão a sua oportunidade. O número do Natal será monográfico, a temática arquivística. Implicitamente desde já aqui fica o convite para potenciais colaboradores. Não se pretendem apenas artigos de carácter descritivo, sobre este ou aquele

arquivo. É imprescindível a publicação de artigos de carácter polémico sobre a política de arquivos ou o aparecimento de artigos com um tom mais conceptual. O repto aí está e até finais de Setembro é tempo de submeter trabalhos. A época não é das mais motivadoras; aproximam-se dias cinzentos e, possivelmente, o espírito atormentado de cada um não andará com muita paciência e disponibilidade para o exercício da escrita. Mas não será esta agora a companhia indicada e mais apropriada do que nunca?

Para além dos *CADERNOS*, desejo-vos que mergulhem noutras boas leituras e depois deste Verão, previsivelmente tão quente, aguardo pelo re-encontro.

(*Maria Luísa Cabral*)